

coleção
[a escolha
é minha]

Margarida Fonseca Santos

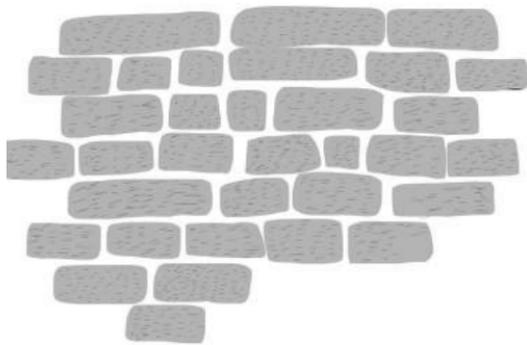
Bicicleta à chuva

Uma História sobre Bullying, Coragem e Amizade



ilustrações de
Danuta Wojciechowska

booksmile



I

JAIME

Conheço de cor o muro que fica em frente à paragem de autocarro, com hera a passar de dentro para fora, como se fosse uma cascata congelada. Naquela tarde, ao ver uma bicicleta ali encostada, deu-me logo vontade de a desenhar.

Costumo ficar sozinho à espera do autocarro. Detesto correr que nem um maluco para apanhar o das quatro e dez, como fazem todos os outros. Talvez seja porque sou muito pesado, ou então porque não tenho grande vontade de perder, todos os dias!, a corrida aos lugares sentados. Os meus amigos queixam-se sempre:

— Vá lá, Jaime, despacha-te! — grita o Sebastian.

— Sigam, gosto mais de ir no outro...

— Oh, és mesmo aborrecido! — Este é o queixume da Teresa, que usa sempre umas palavras mais especiais.

E vejo-os correr e entrar no autocarro, que quase fica a deitar alunos pelos vidros! Acabo por regressar a casa no outro, o das quatro e trinta e dois.

Nessa tarde, foi tudo igual. Não, houve algumas diferenças, mais precisamente, duas: estava a cair uma chuva miudinha, «molha-tolos», como diz a minha mãe, e deixaram uma bicicleta encostada ao muro.

A bicicleta era daquelas a que o meu pai chama «pasteleiras». Não tinha mudanças, nem pinturas modernas, nada disso. Era tão verde como a hera e tão velha como o muro. Ficava linda, ali. Agarrei no bloco e no lápis, desenhei-a com uma facilidade que até me assustou, e fiquei muito contente com o resultado.

— Estás a desenhar a minha bicicleta?!

Dei um salto no banco, assustei-me mesmo.

— Hum... estou. Algum problema?

— Não, não. Achei graça. — Estendeu-me a mão: — Joaquim.

— Jaime — disse eu, numa ginástica incrível para não atirar com o bloco e o lápis ao chão, enquanto entalava a mochila entre as pernas e tentava levantar-me.

— Ficas sempre muito tempo aqui, não é? Já te topei mais vezes.

— Prefiro ir no segundo autocarro.

— Eu ando de bicicleta.

— Mesmo quando chove?

— Mesmo quando chove, sim. Dá-me outra liberdade.

— Acredito — respondi eu, só para fazer conversa, custa-me sempre quando fico calado sem saber o que dizer. Mas ele não parava de olhar para o bloco.

— Hum... Deixa ver.

Passei-lhe o desenho, coisa que teria muita dificuldade em fazer com qualquer pessoa. Contudo, foi imediato. A cara dele não me era estranha, mas não o reconheci logo.

— Gosto! Tens jeito, pá...

E, sem mais nada, o Joaquim despediu-se já a atravessar a rua, montou na bicicleta molhada, sem se importar com isso, e pedalou com uma agilidade incrível.

Fiquei a magicar. Nunca o encontrei na escola, e, pensando bem, também não parece ter idade para lá andar. Seria da secundária? Tentei lembrar-me onde o tinha visto, sem sucesso. O autocarro chegou e eu entrei.

O meu coração começou a bater mais depressa. Era mesmo difícil escolher entre ir com todos os outros no primeiro transporte ou sozinho no segundo. Se fosse no primeiro, arriscava-me a que muitos deles assistissem ao que me acontecia depois (e iriam gozar-me, claro está). Se fizesse como de costume, apanhando o segundo, saindo na minha paragem ou na anterior (tanto fazia) teria de aguentar sempre o mesmo, sempre sozinho e sempre calado. Olhei de novo para o desenho. Guardei-o entre os manuais escolares, para não se estragar. Ainda suspirei fundo, mas assim que carreguei no botão para sair, já não controlava a respiração.



VALDOMIRO

— Olha quem lá vem! — gritou o Cassius.

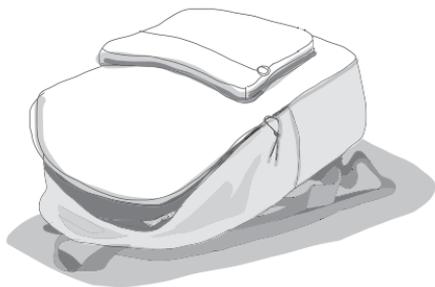
Primeiro empurrão. O miúdo pôs logo um ar de vítima. Segundo empurrão.

— Então, pá, não te aguentas nas pernas? — Não me respondeu. — Estou a falar contigo, não te aguentas nas pernas?

O Xistinho pregou-lhe uma rasteira, foi parar ao chão em dois segundos. Não parávamos de rir.

Eu ficava sempre irritado por ele não se defender. Todos os dias a mesma cena, nunca deu luta. Parecia um bicho-de-conta enrolado. Dei-lhe um pontapé, o Cassius imitou-me logo. Ao miúdo, só faltava chorar, o que seria mesmo muito divertido, mas parecia que não íamos ter essa sorte.

A mochila abriu-se e eu apanhei um caderno. Nesse momento, sim, o miúdo queria impedir que eu lhe mexesse nas coisas. Abri aquilo, estava cheio de desenhos. Se eram dele, não eram maus. Ele estava fora de si, tentando reaver tudo.



— Vamos embora — ordenei, atirando-lhe o caderno sem me preocupar se ia ou não parar ao chão. — Este Banholas é um chato.

Deixámo-lo de joelhos, a arrecadar as coisas na mochila. Só parámos de rir quando estávamos longe.

— És o rei, Valdomiro! — disse o Xistinho.

— O rei — concordou o Cassius. Eu não respondi.



JAIME

— Quero leite com chocolate, Jaime, pode ser?
— A Luízinha estava tão pedinchona como nas outras tardes. — Aconteceu alguma coisa?

A minha irmã pode ter só 9 anos, menos três do que eu, mas percebe mais de mim do que eu sei lá...

— Não aconteceu nada, tonta. Vá, bebe lá o leite. Já sabes que a mãe não quer que ponhas chocolate, depois ficas sem fome para o jantar. Tens trabalhos para fazer? Traz a mochila para a sala, mexe-te!

Estive a ajudá-la, embora pouco. Ao contrário de mim, a Luízinha tem uma memória incrível e adora tudo o que se relacione com aulas. Raio da miúda, a quem sairá? Ao pai não é, desistiu da escola no 3.º ciclo. Talvez à mãe, que é uma croma na contabilidade.

Quando eu quis avançar no resumo do texto para Português, as coisas começaram a complicar-se. Não conseguia mexer bem o braço esquerdo. Não era só a dor, eram os músculos descontrolados, como se fosse velho e tremesse sem parar. Já estava com certeza com mais uma bola arroxeadada perto do cotovelo.

— Porque é que a tua mão está assim, toda tremeliques? — perguntou logo a Luizinha, com a testa franzida e a imitar-me.

— Já acabaste a composição? Então, acaba. Deixa-te de parvoíces.

Voltou aos trabalhos. Ainda bem! Só que, volta e meia, punha-se a estremecer, ria-se um bocadinho, e depois continuava a inventar uma história onde teriam de entrar seis palavras impostas, tão diferentes umas das outras como *esfera* e *podre*.

Podre estava eu... Tinha de me defender melhor, para não me baterem no braço esquerdo. Não sabiam que era canhoto, o que tornava tudo mais fácil.

Fácil? Havia alguma coisa fácil nos regressos a casa? Nada, nadinha...



VALDOMIRO

— Valdomiro! Oh, Valdomiro!

— Que foi?

— O jantar?

— Não sei, pai. A mãe ainda não veio.

— Faz tu! Tenho fome.

— Não há nada no frigorífico, a mãe deve ter ido comprar...

Deixou-se ficar no sofá, que já tinha um buraco no sítio onde ele se sentava todo o santo dia a dizer mal do governo e de ter sido despedido. A Emília saiu do quarto. Vinha arranjada como se fosse para uma festa e perfumada. Deu um beijo rápido ao meu pai, ignorou-me como se eu fosse mais uma parede e disse que voltava tarde.

— Tem cuidado contigo, filha...

Deu-me logo vontade de disparatar, mas não adiantava. A Emília, com mais três anos do que eu, trabalhava num supermercado como caixa, e não admitia conversas. Ia mudando de namorados consoante as semanas. Nunca os trazia lá a casa, e ainda bem! Ali era só para dormir e comer, mais nada.

Quando a mãe chegou, vinha carregada e estoi-rada. Ajudei-a a pôr tudo na despensa, mas o meu pai não a largava: era tarde, ele tinha fome, ela não sabia tratar da casa em condições, e mais um ror de coisas sem sentido. Tudo isto era gritado, nada de falinhas mansas. Eu e a minha mãe trocámos um olhar cúmplice, discreto, para não piorar as coisas, e ficámos a tratar da refeição. Não podíamos falar

enquanto comíamos, o meu pai não deixava, por isso conversávamos na cozinha.

— A tua irmã saiu?

— Hum, hum...

— Nunca me ajuda.

— Deixa estar, mãe, assim escusamos de a ouvir dizer parvoíces.

— Não gosto que fales assim da Emília, Valdomiro.

— Já sei, mas ela irrita-me.

— Foste às aulas?

Não respondi. A minha mãe insistia naquela treta de estudar e ser gente, como se adiantasse para alguma coisa aturar professores e matérias. Ela encobriu a preocupação, como sempre, e felizmente não insistiu mais.

Fiquei a vê-la arranjar os legumes para a sopa, encostado à bancada da cozinha. Olhei para o relógio, a fazer contas de cabeça. Os *Alcaides* patrulhavam a zona a partir das dez, e já eram nove e um quarto.

— Dá cá isso, que eu corto — pedi, a ver se a coisa se despachava.

Aceitou e foi tratar do arroz. Não podia dar um mau exemplo e chegar atrasado. Mas ficava sempre um bocado angustiado por deixá-la sozinha com o meu pai ao serão. Nunca sabia o que podia acontecer.



JAIME

— Chegaste cedíssimo! — concluiu a Teresa, quando me encontrou junto à porta da sala de E.V.
— Inspirado?

É uma miúda muito querida, a Teresa. Se há alguém que capaz de elogiar os meus desenhos e imaginar que vou ser um pintor famoso, é ela. Bom, a Teresa e o professor Adalberto. Gosto tanto das aulas dele! Não lhe interessa o programa, o que ele quer é ver-nos a criar novas imagens, outras formas de «ver o mundo». É uma expressão um bocado antiquada, mas o stor está sempre a repeti-la.

— Bom dia! — Chegou o Sebastian, o mestre da boa-disposição e do sorriso. — Já sabem a novidade?

— Vais contá-la agora mesmo, não estamos nada preocupados com a nossa ignorância — brinquei eu, porque gosto de o ver assim entusiasmado.

— Nem mais! A nossa equipa de andebol vai deffrontar os betinhos do Colégio de Lagoa... Ganhamos de certeza.

— Lagoa? Isso é no Algarve? — quis saber a Teresa.

— É, devem ser uns preguiçosos, daqueles que só sabem ir para a praia.

— Olha que não sei — avisei —, ouvi dizer que eram muito bons!

— Estás a gozar comigo, Jaime, não estás? Ou são mesmo bons...?

Claro que estava a gozar, não percebo nada de andebol. Só que, quando o Sebastian se assusta, abre muito os olhos, e eu e a Teresa partimo-nos a rir. Entretanto, o professor Adalberto chegou e a minha aula preferida ia começar.

Gosto muito de desenhar, e o stor acha que tenho talento. Quando o oiço, quase consigo acreditar que sim! Dá-me sempre conselhos específicos, para eu continuar a melhorar, é fantástico. E não é que o stor queria contar comigo para um projeto?

Havia a hipótese de criar um logótipo novo para a autarquia, todos os munícipes podiam concorrer, inclusivamente as escolas. Os professores de E.V. e de informática achavam que se podia fazer uma espécie de concurso interno (com propostas de professores e alunos) para depois se enviar a melhor. Não me parecia que eu pudesse competir com os professores, mas ia experimentar, disso tinha a certeza.

— Tenho de te mostrar tudo, acho que vais mesmo querer participar. E se falássemos melhor na sexta,

no fim das aulas? Tens muito jeito, és supertrabalhador, apetecia-me que, pelo menos, pensasses nisto.

— Obrigado! Sim, eu gostava muito de tentar!

Fiquei numa agitação que nem imaginam... Na sexta-feira logo me diria coisas mais concretas.

As outras aulas passaram a correr, porque me sentia entusiasmado com a ideia. Contudo, assim que as aulas acabaram, começou o momento mais difícil do dia... Deixei que o primeiro autocarro partisse sem mim, arrastando o passo, indiferente às reclamações dos meus amigos. Fiquei a retocar o desenho da bicicleta do Joaquim, que estava iluminada pelo sol. Entrei, por fim, no segundo autocarro.



VALDOMIRO

— Valdomiro, é hoje?

— Que carraça, Xistinho, já sabes que sim.

— Quem foi que disse aquilo do desenho? — perguntou o Cassius, desconfiado.

— O que é que isso interessa, vamos lá saber?

— Nada, nada. Tu lá sabes.

— Exato, eu sei e chega. E vi o caderno, ou já te esqueceste disso?

Tinha de os manter na ordem. Quem mandava nos *Alcaides* era eu. Não podia haver dúvidas nem opiniões. Mesmo assim, havia partes que eu não controlava. Uma delas era o raio do miúdo. Mais uma vez, estava atrasado, não tinha vindo no primeiro autocarro. Devia fazer de propósito, mas nós chegávamos bem para ele.

Passou uma rapariga toda aperaltada e fizemos um escarcéu! Ela encolheu os ombros, mas de certeza ouviu-nos rir. Na verdade, até apressou o passo. Afinal, estava com medo ou estava-se nas tintas para nós?

— Eheh, ficou brava — riu o Cassius.

— Quem é? — perguntei.

— Acho que vive na rua de cima, mas não tenho a certeza.

— É da rua de cima, é — confirmou o Xistinho.
— Sempre toda gira...

Pois, isso já eu tinha percebido. Estava fartinho de saber que vivia na rua de cima, claro, não queria era mostrar que andava de roda dela. Nunca olhava para mim. Nem para mim, nem para os outros dois, não nos ligava nenhuma. E eu não via forma de lhe falar...



JAIME

Lá estavam os três, à minha espera, como sempre. A mochila tapava-me o braço esquerdo. Queria protegê-lo dos pontapés, esperando que nenhum deles percebesse que sou canhoto.

Isto tinha começado há três semanas e meia, e não me parecia possível acabar. Chamam-se, a si mesmos, *Os Alcaides*. O Valdomiro é o líder do grupo, isso percebi logo no primeiro dia em que me apanharam. Não gosta de ser posto em causa e quer ter sempre a última palavra. Já os outros dois, o Cassius e o Xistinho, são mais daqueles que fazem o que o chefe manda. O Cassius (o nome deve vir do pugilista Cassius Clay) resolve tudo à pancada, por isso basta que o chefe lhe diga «dá cabo dele!» e os murros começam. O Xistinho parece-me mais medroso, e nunca me dá pontapés com tanta força como os outros dois.

Porque me batiam? Não sabia. Devia ter feito qualquer coisa mal, só podia ter sido isso. Se calhar, ofendi-os por uma razão qualquer. A verdade é que esperavam por mim todos os dias, naquela rua entre a paragem de autocarro e a minha casa,

para me gozarem ou me baterem. Nem sei o que dói mais.

Eu podia dar a volta, já me lembrara disso muitas vezes. Mas iriam seguir-me, e do outro lado havia mais pessoas, não queria que vissem que não me sei defender. Ali, pelo menos, ninguém assistia...

O primeiro pontapé veio do Cassius, mas, estranhamente, o Valdomiro mandou-o parar.

— Calma, calma, que eu não dei ordens para nada!

— Desculpa aí, Valdomiro, pensei que...

— Aqui, quem pensa sou eu! — Virando-se para mim, disparou: — Disseram-me que tu és o tal Jaime que faz desenhos, é isso?

Congelei de pavor. Lembrei-me de muita coisa e nenhuma das hipóteses tinha um final feliz! Achei que até me podiam aleijar a mão para sempre, mas isso já foi um exagero, claro está, era o meu cérebro a fritar ideias!

— Sou...

— Queres continuar a apanhar todos os dias ou trabalhas para nós?

— Eu?

— Sim, puto estúpido, está aqui mais alguém?

Os outros dois riram-se de mim.

— Trabalhar para vocês, como?

— Responde! Queres apanhar mais, ou trabalhas para nós?

— Anda, responde — ameaçou o Cassius.

— Precisam de mim para quê?

— Responde primeiro!

O grito vinha acompanhado de um punho fechado que não hesitaria em dar cabo da minha cara.

— Está bem, está bem — supliquei. — Eu trabalho para vocês!

— Muito bem! Estamos combinados. Não te esqueças do que acabaste de prometer — lembrou o Valdomiro, fazendo uma espécie de vénia e deixando-me passar.

Nunca corri tanto na minha vida, juro que não. Fugi a toda a velocidade, enquanto os ouvia troçar da minha figura.

— Olha como o Batoca corre!

— Hei, Banholas, cuidado que ainda cais!

Não me interessava, queria era chegar a casa depressa.

VALDOMIRO

— Viram como o Batoca tremeu? Espetáculo! — O Xistinho estava excitadíssimo com a cena.

— Porque é que não lhe batemos mais, Valdomiro?

— Calados, foi o que eu decidi e não há cá perguntas!

Respondi desta forma para não ter de explicar nada. Não era assim que se fazia? Lá em casa, pelo menos, era. Não interessava se a minha mãe chegava cansada, ou se o cão do vizinho ladrava, ou mesmo se o vizinho ladrava connosco — porque embirrava sempre com qualquer coisa. Era o meu pai quem mandava e, para todos os outros, a solução era ficar de bico calado.

Nunca foi fácil, a vida em minha casa. O pai bebia sempre no regresso do emprego, quando ainda trabalhava numa oficina de bicicletas e motoretas. Era limpinho — metade do que ganhava, ou até mais, ia logo para as cervejas e cigarros no café do Chico. Vinha depois todo bazófia, de passo incerto, mas nunca falhava uma estalada, fosse em mim ou na minha mãe. Por isso, bico calado para não criar mais confusões. À minha irmã nunca bateu, o que me deixava doente por dentro. Era a menina dos olhos dele, não havia cá cenas com ela. Por causa disso, a Emília ficou com um feitio danado, julgando sempre ser mais importante do que todos os outros juntos. Detestava a minha irmã...

Agora, como o meu pai estava desempregado, a coisa piorara. O dinheiro que ficava no café do Chico fazia mesmo falta para o resto. A minha mãe queixava-se mais, as estaladas duplicavam. Só a donzela escapava, como é óbvio, e nunca lhe faltava dinheiro para nada. Pudera, como já trabalhava, tinha lá as contas dela. A verdade é que nunca deu um tostão para a casa.

— Achas que ele vai fazer o que queremos? — perguntou o Cassius, com certeza já a imaginar represálias.

— Era só o que faltava, não cumprir! Deixa isso comigo, sei o que estou a fazer.

— Claro, claro, desculpa aí, Valdomiro.

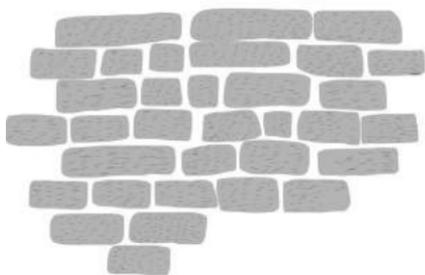
Sabia? Acho que não. Também me atrapalhava a ideia de não conseguir do miúdo o que queríamos, mas cada coisa a seu tempo.

— Vamos patrulhar a nossa zona? — sugeriu o Xistinho.

— Vamos.

E lá fomos, como sempre. Na nossa zona, o rei era eu!





II

JAIME

— Estava a ver que nunca mais chegavas — resmungou a Teresa, quando entrei, atrasado e a correr. — O Frederico está cheio de febre, não vem.

— A sério?! Ontem não se notava nada...

— Pois não. Mas o pior é que ouvi uns zunzuns, parece que vamos ter teste surpresa a Português. E ele é o delegado de turma, o nosso sindicalista!

— Estou tramado, então. Ainda nem acabei de ler o livro!

— Que cena, Jaime! É tão fininho!

Encolhi os ombros. Bem sabia que o texto até era pequeno e giro de ler, mas distraía-me com imensa facilidade. Bastava lembrar-me dos *Alcaides* e ficava logo com a cabeça na lua, ou melhor, no inferno. Se contasse para alguma coisa, podia

mostrar à stora as ilustrações que fizera da parte já lida, nisso ia muito adiantado.

Sentámo-nos, como de costume, um ao lado do outro. À nossa frente, o lugar do Frederico vazio. Olhei para a professora e desconfiei logo do sorriso quase trocista. Era mesmo verdade, íamos ter um teste surpresa, mas não sobre o livro. Gramática, disse ela, indiferente aos nossos protestos.

Tive de fazer um enorme esforço para me concentrar nas perguntas. Talvez conseguisse safar-me se lesse tudo com atenção. A minha mãe diz que a Gramática é intuitiva, que sabemos logo se o que escrevemos está certo ou não pela forma como soa. Não me parece... Quando entreguei o teste, só tinha uma certeza: andava mesmo a estudar pouco!

Começar o dia assim era desastroso, mas eu até nem me podia queixar muito. Quando percebemos, eu e a Teresa, que o Sebastian estava em pânico, deixei de me afligir. É que o Sebastian, sendo filho de um português e de uma inglesa, sempre estudou fora e aterrou na nossa querida turma do 6.º C de paraquedas, em setembro.

— Acho que só fiz asneiras — gemeu, enquanto consultava à pressa os apontamentos. — Pronto, já sei que falhei aquela do mais-que-perfeito.

— Deixa isso, Sebastian, tu tens desconto por vires de Inglaterra, nós é que estamos mal — sossegou-o a Teresa. — Isso é o passado do passado, não é?

— Olhem, quem está passado sou eu — desabafei, pois nem me tinha apercebido de uma pergunta com aquele tempo verbal. — Ou melhor, para ver se passo o ano, tenho de me organizar melhor... Dizem que o 7.º ano puxa por nós, não é? Então, já vou a arrastar pelo chão!

A Teresa riu-se, achava graça às minhas tendências dramáticas, como ela dizia. Seria que, se lhe contasse o que me acontecia todos os dias no regresso a casa, a Teresa me ajudava? Mas ajudar como?!

— *A penny for your thoughts...* — disse-me o Sebastian, divertido. — O que se passa contigo? Andas assim meio esquisito.

— Não vês que nem sequer dei pelo *perfeito-mais-que-sei-lá-o-quê*? Não acredito que dê para positiva, é só isso.

— Hum... Não é por causa do teste, já percebi — avisou o meu colega, de dedo em riste no meu nariz. — Vais acabar por contar.

— *In your dreams, baby...* — brinquei, desesperado. — Andas a ver muitos filmes.

— Deixem-se de coisas — pediu a Teresa, já com a cabeça na aula de ginástica. — Despachem-se! Hoje estão mesmo lentos, vocês dois. Pelo menos, agora não há testes... Mas, se me põem a correr à volta do ginásio com este frio, juro que morro.

Passados quinze minutos, andávamos mesmo a esfalfar-nos nas oito voltas obrigatórias a contornar o ginásio. Quem é que inventou o aquecimento nas aulas de Educação Física?



VALDOMIRO

— O que vem a ser esta barulheira toda, hein?

— Estão em obras no andar de baixo — informei, já a pegar no casaco para sair dali para fora. — Não podemos despejar água na cozinha.

— Isso é que era bom! Em minha casa, ninguém manda.

Saí. Não adiantava nada repetir a informação e estava danado comigo mesmo. Se não tivesse dito nada ao meu pai, ele nem iria à cozinha toda a manhã. Depois de o ter avisado, bom, o mais provável era abrir a torneira só para chatear os vizinhos de baixo.

O Cassius e o Xistinho já estavam à minha espera. Tínhamos combinado dar uma volta maior, para ver se conseguíamos ganhar terreno aos *Trogloditas*, mas aqueles tipos pareciam adivinhar estas coisas, cortaram-nos o caminho. Ainda medimos forças, mas eles eram mais fortes, não valia a pena andar ao murro.

Passámos pela mercearia do senhor António e roubámos umas maçãs, para entreter o estômago e a frustração, mas ele nem refilou. Ficou para lá a falar sozinho, não interessava ouvir.

Um carro todo novinho parou. Baixou o vidro a perguntar onde ficava a Junta de Freguesia. Levei tempo a dizer o que ele queria, para manter a pose, mas o Cassius já estava preparado para a assinatura dos *Alcaides*. Assim que o bólido arrancou, um risco feito com as chaves deu-lhe cabo da porta. Quando visse, ia-se passar... Muito nos rimos!

O dia nem estava a correr nada mal.



Gosto muito da dona Madalena, a assistente operacional do Bloco D. Segundo ela, já devia estar

quase a reformar-se, mas esse dia nunca mais chega. Arranja sempre assuntos de conversa, e isso é um grande alívio, porque sou mais do género calado do que falador. Fui para perto dela, enquanto esperava pelo professor Adalberto, na sexta-feira ao fim da tarde.

Como de costume, começou a contar-me notícias dos netos e da horta que tem no quintal, passando de um tema para o outro com muita facilidade. Ri-me, como sempre. Às vezes, parece-me que podia ilustrar aquelas histórias, com os netos plantados no meio das couves, regados com doces, daqueles que só a dona Madalena sabe cozinhar. Ou então, imaginá-la à mesa com todos os legumes...

Como o professor Adalberto nunca mais chegava, e eu começava a pensar nas horas a que a Luizinha saía do ATL, olhei para o relógio. Claro que, no mesmo instante, me lembrei dos *Alcaldes* e do estranho pedido da véspera. Devo ter feito uma expressão qualquer preocupada, porque a dona Madalena apanhou-me logo:

— Andas sempre muito apoquentado, Jaime, que eu já te conheço bem. — Apoquentado, que palavra mais engraçada! — Passa-se alguma coisa? Filho, tu podes contar-me tudo!

— Eu sei, dona Madalena, eu sei — respondi, tentando sorrir. — É que tenho de ir buscar a minha irmã e o stor nunca mais chega...

— Não é só isso, Jaime, não estejas a disfarçar. Ouve uma coisa: tens aqui uma amiga, percebeste? Uma amiga verdadeira.

Aquela conversa deixou-me confortado. Não me apetecia contar a quem quer que fosse o que se passava no regresso a casa, mas saber que tinha amigos ajudava-me muito. Ia responder-lhe isso mesmo, ou algo parecido, quando o professor Adalberto chegou. Sorri-lhe e ela despediu-se de nós sem disfarçar um olhar de quem diz: tens aqui uma amiga verdadeira, não te esqueças.

— São estas as exigências — ia explicando o professor Adalberto, mostrando-me o que fora enviado pelo município. — Se pensares bem, nem é nada de complicado. O logótipo terá de conter estas três áreas de ação: a indústria, o turismo de uma forma geral e os parques florestais em particular. O que achas?

— Apetece-me começar já a pensar nisto — confessei, meio a rir, meio sério. — O stor depois nem precisa de enviar o meu, o importante é mesmo experimentar.

— Como te disse, todos na escola podem concorrer, e vamos estar em pé de igualdade: alunos e professores. As candidaturas vão ser anónimas, o que interessa é que ganhe o melhor! Não te esqueças de respeitar as dimensões e possibilidade de leitura do desenho: tem de ser legível em tamanho muito pequeno e funcionar em grande. Toma, leva isto tudo, eu já guardei para mim.

Nas minhas mãos, um bocado suadas por causa da excitação, repousavam agora os papéis relativos ao logótipo e ao concurso interno da escola. Saí bem mais tarde do que o costume. Nem o autocarro das quatro e meia iria apanhar.



VALDOMIRO

Olhei para o relógio e percebi que não era só eu a estar irritado.

— O parvalhão não vem? — atirou o Cassius.

— Ninguém falta a um encontro com os *Alcaides*.

— Se não for o puto certo, o que lhe fazemos, Valdomiro? — O Xistinho massacrava-me sempre com perguntas.

— Tenho tudo pensado, não te preocupes.

Devia ser verdade o que me tinham dito, ninguém quer dar informações erradas aos *Alcaides*. O meu plano era genial e agora só precisávamos de pôr o Badocha a trabalhar como devia ser.

Os minutos foram passando e eu já começava a espumar. A sorte foi ter aparecido aquela miúda. Víamo-la quase todos os dias. Até fiquei entusiasmado — e se ela andasse a fazer de propósito? De certeza que não era pelos lindos olhos do Xistinho, que parecia um rato de esgoto medroso. Também não devia ser pelo Cassius, que não escondia que era bruto como tudo. Na volta, andava a fazer-se a mim...

Eles dois atiraram as bocas do costume, mas eu fiquei calado. Estranhamente, a miúda virou a cara e olhou diretamente para mim. Cruzei os braços, como se achasse tudo uma seca monumental. Ela sacudiu o cabelo e seguiu caminho.

Talvez o Cassius e o Xistinho não tivessem dado por nada, mas eu fiquei com o coração aos pulos. Ameacei dar um pontapé num rafeiro que ia a passar, e o desgraçado fugiu a sete pés. Ao fundo da rua, o autocarro. Já não era sem tempo.



JAIME

Cheguei à paragem meia hora depois do que nos outros dias. Por sorte, a Luizinha tinha um ensaio extra qualquer lá no ATL: iam ter uma apresentação no sábado num lar de idosos e a professora de *ballet* achava que ainda não estavam prontos.

O coração já estava descontrolado desde que carregara no STOP, mas isso não era de estranhar. Avancei pela rua.

Sabia que, mesmo sem os ver ao longe, os *Alcaides* iriam aparecer.

E não me enganei.

— Julguei que tinhas aprendido a lição e que me ias obedecer — disparou o Valdomiro, num tom muito mais agressivo do que era costume.

— Queres apanhar ainda mais, é?

— Atrasei-me na escola...

— Isso não me interessa! Aceitaste trabalhar para nós, tens de cumprir.

— Eu sei, eu sei, mas ainda não me explicaste o que é para fazer.

— Não seas convencido! — ameaçou o Cassius, chegando a cara dele à minha. — Quem é que manda aqui, hã?

Eu não disse nada. Tinha o coração a saltar-me pela boca. Por muito estranho que isso possa parecer, sentia que preferia apanhar pancada do que obedecer ao Valdomiro. O Cassius empurrou-me à bruta, desequilibrei-me e caí redondo no chão.

— Ele nem para cair serve — comentou o Xistinho.

— Caluda! Levanta-te.

Obedeci, bem mais depressa do que pensei ser capaz.

— Mostra-me os teus desenhos.

Um arrepio percorreu-me a espinha sem autorização. Iriam rasgar tudo? E se encontrassem os papéis com as indicações do logótipo e mos roubassem? Como poderia eu explicar que não os tinha? Foi com as mãos a tremer que retirei o bloco da mochila e o passei ao Valdomiro. As folhas eram passadas sem pressa, enquanto eu tentava controlar a respiração, sem grande sucesso.

— Parece que serve para desenhar! — concluiu o Valdomiro, atirando o bloco para os meus pés.

— Amanhã, às quatro e dez, esperamos-te aqui, ouviste? Temos um trabalhinho para ti.

— Mas amanhã é sábado — argumentei, imaginando já a confusão que seria ter de mentir em casa para vir à rua.

— Para os *Alcaides*, não existem sábados, nem domingos, nem feriados. Entendido? Amanhã, quatro e dez, e com material.

Sem aviso, o Valdomiro virou-me as costas e avançou pela rua, enquanto o Xistinho o seguia. Apenas o Cassius permaneceu junto a mim, e eu sabia porquê. Um murro no estômago obrigou-me a dobrar o corpo ao meio, enquanto ele se afastava e gritava:

— Isto foi porque te atrasaste. Aconselho-te a não repetir a brincadeira amanhã.

Ouvi o barulho de uma travagem de bicicleta em derrapagem. Quando levantei os olhos, tinha o Joaquim ao meu lado.

— O que foi?

— Nada, nada, estou só maldisposto...

— Deixa-te de tretas, Jaime. Eu vi o que aquele parvalhão te fez. O que querem de ti os *Alcaides*?

— Tu conhece-los?

— Se conheço os *Alcaides*? Toda a gente aqui na zona os conhece. — Pareceu-me que estava exasperado. — Não foi a primeira vez, pois não?

Olhei para o Joaquim. Já me conseguia endireitar, e ele apanhou a minha mochila e o bloco do chão. Como é que eu podia negar o óbvio? Ele era mais velho do que eu, ia descobrir tudo num instante. Ainda espiei o fundo da rua, com receio de ver os *Alcaides* a observar-nos, mas o Joaquim cortou logo as minhas hesitações:

— Diz-me lá: há quanto tempo?

— Umas três semanas...

— E já fizeste alguma coisa?

— Como assim?

— Queixaste-te a alguém?

— Não faças isso, por favor, ainda vai ser pior!

O Joaquim não respondeu logo, mas algo na sua cara acabava de mudar.

— Anda, vou contigo até à tua porta.

Ainda lhe agarrei no braço, tentando travá-lo. Não que quisesse impedi-lo de andar, mas porque precisava de o convencer a manter-se calado.

— Não te preocupes, não conto nada a ninguém — disse-me, sem me olhar.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tal como tu.

Esta história, *Bicicleta à Chuva*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

O Jaime carrega um enorme segredo: um grupo de rufias, os *Alcaides*, toma conta da sua vida de muitas maneiras, deixando-lhe o corpo e a mente com marcas difíceis de apagar.

O Valdomiro, o chefe dos *Alcaides*, luta para, de alguma forma, conseguir ser importante naquele bairro tão complicado.

Um dia, em frente à paragem do autocarro, o Jaime vê uma bicicleta antiga encostada ao muro de pedras, e desenha-a. Cai uma chuva miudinha, mas o dono da bicicleta, o Joaquim, não se incomoda com isso, e interessa-se por aquele desenhador.

Nasce assim uma amizade capaz de revolucionar a vida do Jaime e de muitos outros. Queres saber como? Então, vem daí!

Tão comovente e emocionante que não
vais conseguir parar de ler!



Vê o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt

booksmile
livros que saltam à vista

20120_05101

ISBN 978-989-666-329-0

11+



9 789896 683290

Literatura Juvenil